

# “A coragem, ela vem também da consciência”: entrevista com Padre José Domingos Bragheto<sup>2</sup>

Maria Aparecida de Moraes Silva<sup>3</sup>

## Apresentação

Em junho de 1989 realizei uma entrevista com o Padre Bragheto em São Paulo. Foi possível recuperar, por meio de um longo relato, os primórdios de seu envolvimento com os trabalhadores rurais, bem como seus desdobramentos. Seu testemunho se constitui num subsídio extremamente importante para a memória e a história dos trabalhadores rurais *vis-à-vis* a construção social da consciência de classe e também de gênero. Ainda muito jovem, recentemente ordenado padre, Bragheto, em 1975, deu início a sua atuação religiosa em Bebedouro/SP. Em 1979, a convite de um padre da CPT participou de uma reunião com Carlistas e, desde então, foi despertado para as questões sociais. Em seguida foi transferido para Santa Ernestina, e, depois, para Dobrada, duas cidadezinhas habitadas majoritariamente por trabalhadores rurais, migrantes de várias regiões do país. Os campos – religioso e político – tinham terra fértil para produzir bons frutos. No entanto, o quê fazer e como fazer? Seu depoimento registra os caminhos tortuosos da construção de uma práxis, assim descrita: celebrando durante as madrugadas “missas nos pontos” de saída dos caminhões, que transportavam os trabalhadores aos locais de trabalho; frequentando bares, bailes, casas; enfrentando policiais durante várias greves; organizando as mulheres para que assumissem a direção de sindicatos; realizando a *bênção dos facões* durante as missas; participando de atos de ocupações de terra.

Em 2014, quando são comemorados os 30 anos das Greves de Guariba - um verdadeiro levante dos trabalhadores em busca dos direitos, contra a fome e o desespero - trazer à luz a voz de um narrador que participou ativamente daqueles acontecimentos, é importante não apenas para o conhecimento das greves e formas de resistência, como também para a (re) significação da história e memória social dos oprimidos no sentido benjaminiano. É uma maneira de compreender o processo de *escovar a história a contrapelo*, ou seja, desvelar os elementos de uma memória subterrânea que incomoda e desarranja a ordem social.

<sup>2</sup> Esta entrevista foi realizada em 26/06/1989, no âmbito da investigação, Mulheres boas-frias. Natureza ou anomalia. Coordenada pela professora Maria Aparecida de Moraes Silva. Apoio: Fundação Carlos Chagas. Fez parte também dos entrevistadores, os (então) seguintes estudantes da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP/Araraquara: Graziela Lima, Édson Antônio da Silva, Luiz Antônio Barone. A revisão para a presente edição foi realizada por Alexsandro Arbarotti, Tainá Reis e Beatriz Medeiros de Melo.

<sup>3</sup> Professora visitante sênior da CAPES junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos – Brasil. Pesquisadora do CNPq – maria\_moraes@terra.com.br

Desta sorte, o conhecimento deste fragmento do passado é de suma importância para a compreensão da situação social atual dos trabalhadores rurais, suas lutas e também do processo de exploração e dominação, cujas marcas ficaram gravadas em seus corpos e almas.

**Pergunta: Como começou esse trabalho de base em Dobrada? O senhor teve alguma predileção em trabalhar com as mulheres?**

Resposta: Olha, o trabalho de base consistiu, numa primeira fase, numa empatia. Primeiro, visitar o pessoal. Eu queria conquistar a simpatia do pessoal. Não só a simpatia, mas um entrosamento, porque como a gente sentia a Igreja muito distante do povo, e até a paróquia também, que ficava muito longe do povo, eu comecei fazendo visitas nos bairros de periferia, nas casas dos boias-frias. E cheguei a ir na roça, subir em caminhão, fui junto com eles. Eu queria conhecer o trabalho. A questão das mulheres, ela é muito, acho que é um pouco específico de Igreja. Porque você vê que a maior parte, a maior participação nas Igrejas são as mulheres. Por uma questão, talvez, cultural, não sei analisar isso muito bem, profundamente. Você vai em uma missa, por exemplo, numa Igreja, a maior parte do público que está ali é feminino! Uma minoria que é masculina. Então, talvez, por isso, que o trabalho com mulheres foi, assim, mais forte. Um dia chegou uma mulher, uma negra boia-fria em Dobrada...

**P: O senhor se lembra o nome?**

R: Dona Maria. Agora, Maria do quê, você me aperta. [risos] Porque tem tantas “Marias”, mas eu sei identificar perfeitamente quem é! Hoje ela trabalha com o marido num bar, ela tem um bar. Então, ela chegou para mim e falou: *“Olha padre, eu fiz uma promessa de fazer uma missa. E, só que eu queria que senhor fosse lá no ponto do caminhão, fazer essa missa lá!”* Eu, em princípio, fiquei meio assim. Eu falei: *“Missa no ponto!? Vai ser aquela missa super corrida, porque o pessoal, todo mundo vai chegar...”* Mas, enfim, eu tentei! Eu falei: *“Ah, vamos lá”*. Eu já estava querendo mesmo me entrosar com o pessoal, eu ia de manhã nos pontos e tal, ia conversar com a turma. Levantava bem cedo. *“Então, vamos lá”*. E ela se entusiasmou, convidou o pessoal. E lá tinha uma vantagem, porque o pessoal se concentrava a maioria tudo num ponto só. A cidade era pequena. Então, a gente fez essa primeira missa. Na frente do ponto tinha uma sede que era da banda antiga, antiga sede da banda, hoje é do BANESPA. Estava vazio, então a gente fazia dentro. Eu fazia missa dentro dessa sede. E foi interessante. Depois o pessoal pediu novamente e a gente foi. Depois os pontos começaram a se diversificar, começou a ficar mais difícil. E eles pediram para a gente ir em vários pontos! E a gente ia, dava uma benção nos pontos. Eu acho que a partir daí que foi uma coincidência sistemática. Quando a gente percebeu que havia um certo clima, a gente convidou o pessoal para ir no salão paroquial para um bate-papo assim mais sobre a vida deles. Então, todos os domingos a gente começou a se reunir. Já foi uma segunda fase. A primeira era mais uma coisa sistemática, pessoal. A segunda já foi mais grupal, quando a gente começou a discutir os problemas que eles estavam enfrentando, transporte, salário, sistema de corte de cana, o metro<sup>4</sup>, a tonelada, essas coisas todas. E na discussão a maior parte que participava eram mulheres, no grupo. Aí que constatamos as dificuldades também da organização! Era inconstante, entendeu? Mudava muito as pessoas. Hoje o cara era boia-fria, amanhã já era pedreiro, já não se interessava mais por aquilo. Então, era um rodízio!

---

<sup>4</sup> A cana cortada é medida, a princípio, em metros. Posteriormente, na usina, faz-se a conversão de metros em toneladas de cana. Os cortadores frequentemente são lesados nessa conversão, “pois o preço é definido por toneladas cortadas diariamente e eles têm apenas o controle medido em metros. Através de cálculos feitos pela usina, os metros transformados em toneladas não correspondem, segundo os depoimentos de muitos trabalhadores, baseados na experiência laboral, aos totais exatos, o que comprova um verdadeiro roubo por parte das empresas” (SILVA, Maria Ap. Moraes. *Mortes e acidentes nas profundezas do “mar de cana” e dos laranjais paulistas*. InterfacEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente. v.3, n.2. abr-ago/2008.2008, p.04).

Mas sempre tinha mais mulheres firmes. Um grupinho de três, quatro, estava sempre permanecendo nas reuniões. Bom, aí, surgiu dessa discussão toda a ideia do Sindicato. Porque lá não tinha, pertencia a Matão! E o Sindicato de Matão era pelego! E eu acho que ainda continua até hoje pelego e não estava nem aí com as reivindicações dos trabalhadores. Então, eu comecei a utilizar uns livrinhos da CPT [Comissão Pastoral da Terra] sobre Sindicato. O que era Sindicato, para que servia, as funções do Sindicato e começamos a estudar isso aí, discutir. Na missa a gente convidava, quando tinha missa. Eu celebrava também nos bairros e também convidava. Mas era muito difícil. Era muito difícil, uns nem acreditavam, outros criticavam, mas a gente foi! A ideia do Sindicato, depois, acabou caindo por terra. Aí, a gente começou a pensar na ideia de uma cooperativa de boias-frias, mas também não foi para frente a ideia. Eu sei que foi uma série de atropelos. Aí, eu falei: *“Eu não vou mais entrar na questão do Sindicato porque o pessoal não quer, não vai sair.”*

**P: Eles de jeito nenhum queriam o Sindicato?**

R: Não é que não queriam. A gente jogou a semente, mas parece que a coisa não estava virando. Então, eu também não quis forçar a barra, porque eu achei que não poderia forçar. Aí, o povo começou a diminuir demais e eu comecei a perguntar por que é que estava diminuindo assim. Aí, o pessoal: *“Ah, porque não se fala mais em Sindicato.”*. Aí, eu falei: *“Bom, então, vocês estão querendo o Sindicato, mesmo?”*. *“Queremos!”*. Então, partimos mesmo para organizar o Sindicato! Aí a coisa pegou fogo novamente. Ganhou fogo de novo! E aí, o que fizemos? Inauguramos o Sindicato. Foi uma grande assembleia, encheu o salão paroquial de boia-fria.

**P: Quando?**

R: Acho, que, se não me engano, foi num primeiro de maio de oitenta e três [1983]. Dentro das comemorações do primeiro de maio. E na diretoria tinham oito mulheres! E foi dureza montar a diretoria! Porque eram doze pessoas. O pessoal não tinha muita experiência, só que na presidência ficou um homem, né!? Senhor Severino! Inclusive já faleceu. E, oito mulheres e quatro homens. Aí, foi aquela luta, aí vieram as dificuldades burocráticas. Leva papel, manda papel. Eu acho que foi um ano eleitoral. Aí, vieram as dificuldades internas, de entendimento. Houve choque das mulheres com um cara que era presidente. Aí, foi uma luta para a gente conseguir também alugar uma sede, pagar aluguel. Nós começamos funcionando no salão paroquial, porque não tinha nem dinheiro para alugar um quartinho sequer! E a gente pôs até uma placa “SEDE PROVISÓRIA”, o pessoal começou a funcionar ali. A gente chamou ajuda da FETAESP [Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo] para dar algumas orientações. Eles foram na parte mais burocrática. E começou assim. Esse trabalho de base começou dessa forma.

**P: Quem da FETAESP?**

R: O Élio Neves<sup>5</sup>, chegou aí na oportunidade, e outros, que agora eu não me lembro o nome. Eram dois ou três. Um advogado chegou aí, para dar orientação jurídica. Depois não tinham advogados, tinha que conseguir de Araraquara. Não tinha ninguém, então chamamos um de Ribeirão Preto, que era o Leopoldo Paulino que chegou lá algumas vezes de Ribeirão Preto. Depois chegou um outro que agora eu não me recordo, que era ligado a CUT [Central Única dos Trabalhadores]. E o Sindicato eu acho que está lá firme até hoje. Me parece que agora mais consolidado. Houve eleições e depois ele renunciou, o Severino. Entrou a vice que chamava Maria também. Mas a Maria não tinha muita liderança. Aí, eu deixei a paróquia, aí a gente não pôde acompanhar muito, assim, mais de perto.

---

<sup>5</sup> Atual presidente da FERAESP - Federação dos Empregados Assalariados Rurais do Estado de São Paulo.

---

**P: Como é que foi montar um Sindicato com o Élio Neves? Houve atritos(...)?**

R: Não, não houve tanto atrito, porque ele também estava começando a despontar ainda. Ele não tinha toda a liderança que ele tem hoje. Ele estava interessado que saísse o Sindicato. Houve alguns problemas com o [Sindicato] de Matão. Mauro é que ele chama, não sei se ainda ele é o presidente. Ele inventou uma série de dificuldades locais, por causa desse trabalho, claro. Para começar, a pequena burguesia da cidade, os comerciantes, os remanescentes de descendentes dos italianos, porque ali tem muito pernambucano, muito cearense. Então, há uma nítida divisão social na cidade. A maioria é menosprezada. E fora da Igreja sem espaço quase, em termos de liderança e comando. E dominados por uma pequena minoria que fazia toda uma discriminação social em cima das pessoas [da cidade]. E eu, durante oito anos que eu fiquei em Dobrada, eu consegui reverter o processo social, sabe!? De modo que as festas paroquiais, a participação na Igreja, quando eu deixei, os ministros eram todos do povo! Eram nordestinos, eram boias-frias, mas isso foi um processo de oito anos que me custou muito sofrimento! Porque o pessoal não aceita assim, a parte dominante, ela não aceita facilmente ceder seus privilégios! Vocês sabem disso! Houve muitas calúnias. O prefeito me processou junto com um deputado do PDS, pôs umas manchetes no jornal de Matão dizendo que eu era subversivo! Eu taquei um processo em cima do cara! Até a própria comissão da Igreja é dominada por pessoas ligadas à Usina Bonfim. Aquela destilaria do Ximbó<sup>6</sup> lá, de Aguardente do Nonato lá. Então, para fazer uma reviravolta nesse processo, nossa Senhora, foi um Deus nos acuda! Esses cabelinhos brancos aqui contam muitas histórias! Porque foi um parto. Doloroso! O pessoal não aceitava a participação desse povo! O Sindicato, então, surge. É mais uma ameaça! No bar, um dia no bar, um cara me agrediu! Foi em Santa Ernestina, inclusive.

**P: Quem quase o agrediu?**

R: Um gato<sup>7</sup>.

**P: Um gato!**

R: É! *“É, você vem trazer esse negócio para Santa Ernestina também!”* Eu falei assim: *“Se Deus quiser Santa Ernestina vai ter, no mínimo, uma delegacia sindical”* Porque a gente tinha jornalzinho também, que a gente analisava as coisas. Vixe! O cara ficou louco! Começou a discutir comigo no bar. Enfim, foi uma situação assim que, eu acho que foi bom. Eu acho que teve muito, muito ponto positivo, mas teve também toda uma contrariedade.

**P: Em relação ao trabalho com as mulheres, no Sindicato, tem um processo, quase natural, da participação delas. De início organizadas pela Igreja! Mas, em conversa com mulheres em Dobrada, o que elas citam é que as mulheres são mais corajosas do que os homens, que elas são mais aguerridas, mais batalhadoras. Essa é a difusão que elas fazem. Que os homens são covardes. Isso eu ouvi muito! Então, como é que o senhor avalia isso?**

R: É, pelos contatos que eu tive, naturais em termos de Igreja, de uma aproximação, deu para perceber realmente que em Dobrada especificamente as mulheres eram mais corajosas! Agora, explicar para você o porquê, eu não consigo explicar! Eu não sei por que que lá elas são mais corajosas que os homens. Mas, na verdade, foi uma constatação também. Eu concordo que a participação delas se deu. Eu não sei se elas captaram melhor a mensagem. Naquele tempo a gente tinha mais contato com elas. Então, a conscientização se deu, mais assim, de perto. Eu acho que foi um pouco isso. A liderança delas se

---

<sup>6</sup> Antiga destilaria situada na região de Araraquara/SP

<sup>7</sup> “Gato” é uma expressão nativa, utilizada também em diversas outras regiões, para se referir ao arregimentador de mão de obra, o intermediário entre a Usina e o trabalhador no momento da contratação.

despontou também, porque o processo de contato da CPT com a gente foi mais próximo. Então, a coragem, ela vem também da consciência. Elas se conscientizaram primeiro do que a maioria dos homens. Porque os meus contatos com os homens eram menores do que com as mulheres. O meu contato com eles era na rua, era no bar, eu entrava no bar, tomava cerveja com eles, entende? Era no ponto, que era uma coisa muito rápida. Era nas casas. Mas com elas era, além disso, também na Igreja. Então era, assim, uma supremacia. Tinham mais oportunidade de se conscientizar do que eles.

**P: O senhor lembra a origem dessas mulheres? Em geral eram pernambucanas, cearenses(...)**

R: A maioria.

**P: E na sua lembrança existe, assim, alguma coisa no sentido dessas mulheres terem tido terra lá no Nordeste?**

R: Sim, algumas tinham famílias. Não eram todas, que tinham o pedacinho de terra e foram forçadas a vender, ou alugar, ou por causa da seca, ou más condições, também, de vida. E vir para São Paulo. Eram migrantes na maioria. A maioria delas. Havia senhoras e jovens também.

**P: E nesse trabalhado de base, de conscientização, a questão da terra aparecia?**

R: Olha, não aparecia tanto quanto as questões imediatas. Porque o sonho da terra ele é um pouco distante, né? A gente nem tocava muito no assunto. Ela não aparecia tanto, aparecia mais as condições de trabalho mesmo, de salário. Eram as coisas que mais espantavam. A terra, ela aparecia assim num segundo plano. Quando você cutucava, ela aparecia.

**P: Queria que o senhor falasse um pouco da organização da CPT, nesse período que antecede oitenta e quatro [1984](...). Porque em oitenta e três [1983] teve a questão das sete<sup>8</sup> ruas que o pessoal perdeu(...)**

R; Bom, a questão da região lá, em termos de CPT, foi paralelamente ao trabalho que a gente fazia em Dobrada. Porque a presença mais forte da gente era em Dobrada, especificamente junto ao Sindicato de Jaboticabal que era o Benedito ainda, o Magalhães, a gente começou a ter a ideia de fazer comemorações no primeiro de maio, fugir um pouco daquilo que as usinas fazem: aquelas festas, de pau de sebo, dar pirulito para as crianças. Então, ele tinha mais condições em termos de estrutura de fornecer condução, transporte. A gente começou a fazer encontros no seminário de Jaboticabal. Eu convidava as paróquias, embora nunca tivesse muito apoio do clero local, da diocese. Mas a gente mandava sempre convites para que mandassem caravanas de boias-frias para participar do primeiro de maio em Jaboticabal. E a gente conseguia reunir realmente quinhentos boias-frias, seiscentos, setecentos boias-frias.

**P: Quem eram os mais próximos da CPT?**

R: Padres?

**P: Padres!**

R: Simpatizantes assim, olha, tinha o padre Lanza<sup>9</sup> de Jaboticabal, que era mais, assim, aberto. Tinha o padre José Pinhos que, embora tivesse uma ideologia totalmente de direita, ele se interessava um pouco

---

<sup>8</sup> O sistema do corte da cana era feito da seguinte forma: as canas são plantadas em fileiras (ruas). Cada trabalhador era obrigado pelo feitor a cortar um eito de cinco ruas. Assim, na rua do meio (a terceira), eram lançadas as canas cortadas e devidamente arrumadas para facilitar o carregamento pelos guinchos. Este sistema implicava em dispêndio de energia por parte do trabalhador que, além de cortar as canas, necessitava carregá-las nos braços, deslocando-se das fileiras laterais para a central. Com o intuito de aumentar a produtividade do trabalho, as usinas impuseram a mudança do sistema de cinco para sete ruas, o que correspondia ao maior dispêndio de energia dos trabalhadores. Não sendo remunerados pela intensificação do trabalho, as greves começaram a pipocar a partir de 1984 em várias usinas do estado de São Paulo.

<sup>9</sup> Padre José Lanza Neto, hoje bispo de Guaxupé/MG

assim, porque não tinham ainda os novos, que chegaram depois. Porque eram muito poucos aqueles que mostravam uma certa simpatia.

**P: Além do clero havia outras pessoas que participavam?**

R: Havia, depois a gente contactou o Gebara<sup>10</sup>. Fiquei conhecendo o Gebara que era da Faculdade de Agronomia, o Bacarini<sup>11</sup>. A gente começou a montar uma pequena equipe de(...). Ah, o padre João, o padre João de Taquaritinga<sup>12</sup> também. No começo ele começou a participar, era simpático também à causa.

**P: De partido?**

R: Partidos não. Naquele tempo a gente não mexia muito com partido ainda. O PT [Partido dos trabalhadores] estava surgindo naquela época. Nenhum dos PCs [Partidos comunistas], nada! Era mais a Igreja e o Sindicato de Jaboticabal.

**P: Naquele tempo tinham seminaristas em Dobrada?**

R: Acho que você deve ter sabido que em oitenta [1980] foram para lá dois seminaristas Carlistas<sup>13</sup> que hoje são parte de Santa Ernestina, o Antenor e o Alfredo<sup>14</sup>. Então, para mim foi uma mina quando eles ficaram sabendo do trabalho da gente e se ofereceram para ficar um tempo lá. Eu estava sozinho pedindo socorro! Eu falei: *“Caiu do céu, pode vir voando”*. Só que eles foram para lá não mais como seminaristas. Eles cortaram ligação com a congregação porque a congregação não permitia que eles fizessem um ano, assim, de contato com a realidade. Então, eles foram para lá e começaram a trabalhar como boias-frias. lam no campo, cortavam cana, todas essas coisas. E foi muito bom para eles porque hoje eles estão aí na luta também nessa parte.

**P: E como eram os encontros promovidos?**

Então, nesses encontros, a gente falava muito na questão dos direitos dos boias-frias. Porque tudo que aconteceu, aconteceu depois, em termos de Guariba. O movimento social acho que teve aquele impacto, um germe. Eu diria que setenta a oitenta por cento teve uma influência desse comecinho de trabalho que a gente fazia. Porque o Sindicato de Jaboticabal também não tinha muito trabalho [de base]. Em Barretos a gente tentou também. Montamos uma equipe em Barretos, embora o Bispo de lá fosse conservador também. Criou problemas para gente e ainda continua lá. Ele é meio ligado com a UDR [União Democrática Ruralista]. Então, foi assim. Agora, em Guariba, especificamente a gente não chegou a fazer um trabalho, assim, de base local. A gente não ia em Guariba fazendo todo esse trabalho de base.

**P: E não tinha gente, nem tinha uma equipe?**

R: Tinha um seminarista que é o Adão, que hoje está no Acre, que era de Guariba. Isso depois do movimento de Guariba, que ele começou fazendo um trabalho lá. Porque nem tinha ninguém da CPT lá! Não tinha gente da CPT. Eu cheguei a fazer algumas reuniões em Guariba a convite do Sindicato de Jaboticabal, por incrível que pareça! Então, o Benedito (Magalhães)<sup>15</sup>, de vez em quando ele ia lá e me convidava. Eu ia porque eu queria aproveitar todos os espaços. E era onde a gente chegava a discutir direitos, problemas. A última reunião que a gente fez em Guariba, antes do movimento de Guariba, que foi um mês antes da eclosão do movimento, tinham umas quinze pessoas só. Se falava de greve, mas eles mesmos achavam que não tinham as mínimas condições de fazer uma greve em Guariba. Porque o

---

<sup>10</sup> Prof. Dr. José Jorge Gebara, economista, UNESP Campus de Jaboticabal.

<sup>11</sup> Prof. Dr. José Giacomo Baccarin, agrônomo, UNESP/Jaboticabal.

<sup>12</sup> Padre João Francisco da Silva

ão membros da Congregação dos Missionários de São Carlos, fundada em 1961, também conhecidos scalabrinianos.

<sup>14</sup> Antenor Dalla Vechia e Alfredo Gonçalves

<sup>15</sup> Presidente do Sindicato de Jaboticabal.

peçoal não se unia, aquela velha história! Que o peçoal era muito desunido, que não dava para juntar o peçoal. Quando juntava mais gente de Guariba mesmo era quando a gente fazia reuniões em Jaboticabal no seminário. A gente botava uma faixa lá!

**P: Nessas reuniões já se tocava no assunto das sete ruas?**

R: Ela foi denunciada numa reunião que nós tivemos com a microrregião de Ribeirão Preto da CPT, um encontro que foi em oitenta e três [1983]. E, inclusive, quem colocou a questão mais claramente foi o senhor Manuel de Barrinha<sup>16</sup>. Ele era um antigo líder sindical. Ele se levantou na reunião, na assembleia que nós estávamos fazendo, porque a gente convidava trabalhadores das várias dioceses e fazia a reunião da micro, encontro da micro região. E ele se levantou, e me parece que ele usou assim uma expressão: *“Está acontecendo algo que é pior que o demônio”*. Ele usou uma expressão muito forte assim. Eu não me lembro exatamente quais foram as palavras dele. E ele foi lá para frente, e aí, descambou um discurso em cima das sete ruas, sabe? Denunciando as sete ruas. E foi quando nós, baseados na denúncia dele e de outros trabalhadores, que também fizeram coro, a gente botou na imprensa a coisa. Então, a CPT foi a primeira na região que levantou a voz do trabalhador para denunciar essa questão toda.

**P: Houve um trabalho específico, quer dizer, um acompanhamento do Sindicato, por exemplo, para se discutir a questão das sete ruas?**

R: Não, não! Não houve muito não! Depois dessa denúncia do senhor Manuel é que a gente começou a acordar mais! Aí vem o Gebara, faz um estudo, compreendeu? E a gente começa a debater nas reuniões. E depois, as questões das usinas. Já os usineiros estavam com toda uma propaganda montada. Porque, inclusive, na usina Tamoio, eu assisti a um filme para os operários da usina Tamoio. Eu acho que a Delegacia do Trabalho esteve lá para resolver a questão da usina. Aquele peçoal da IMAGEM, aquela firma IMAGEM de Ribeirão Preto, levou um filme que mostrava todas as vantagens das sete ruas. Todo um esquema já montado, mostrando para os operários da usina as vantagens das sete ruas.

**P: Além das sete ruas houve, assim, a bandeira de outros direitos dos trabalhadores também?**

R: Condições de transporte, a questão salarial, eu acho que a questão das sete ruas puxou todas as outras reivindicações. Foi uma coisa assim, a gente até espantou, porque foi uma coisa tão espontânea. Ele se levantou, e a gente nem tinha se dado conta das sete ruas! Ele se levantou e jogou, porque nem eu estava sabendo, até aquela altura, da implantação do sistema das sete ruas. O peçoal não comentava muito. Foi muito no comecinho de oitenta e três [1983]. Estava começando o implante das sete ruas. Porque eles estavam trabalhando mais, se desgastando mais e ganhando menos! Economia de combustível para o patrão e tudo isso aí. A questão de Guariba também pegou a gente, todo mundo de calça curta, porque eu nunca esperava que acontecesse isso. Eu nem estava na região. Eu estava em Vilhena naquele dia, acompanhando uma ocupação de terra no Mato Grosso do Sul. E quando eu recebi, no dia posterior à eclosão, no dia dezesseis de manhã, o Osvaldinho, esse que morreu, me ligou lá em Vilhena. *“A coisa está pegando fogo aqui em Guariba, estourou uma greve”*. Aí ele me contou, eu fiquei doido, né!?

**P: Isso em oitenta e quatro [1984]?**

R: É! No dia que explodiu a greve, no dia quinze de maio! O Osvaldinho, ele me liga no fim da tarde me contando: *“Ah, está acontecendo isso”*. Imagina, que estado que eu fiquei lá querendo vir embora e não tinha mais ônibus. Quer dizer, eu peguei um ônibus à noite, eu cheguei em Jaboticabal no dia posterior, cedinho. Quando eu cheguei na rodoviária de Jaboticabal, a primeira coisa que eu fiz foi comprar o jornal.

---

<sup>16</sup> Líder sindical de Barrinha.

E o primeiro jornal que eu achei foi o Estadão. E quando eu vi o meu nome na primeira página do jornal? [risos] Aí, cáí duro! [risos]. Eles deram um corpo de matéria desse tamanho<sup>17</sup>, uma chamada para as páginas internas, bem grande! E dizia no final da chamada que o padre Bragheto já tinha reunido os trabalhadores em Guariba. Quer dizer, seria um ângulo, que era eu que estava por baixo da greve. E eu nem estava lá! Como é que eles sabiam que a gente tinha algum tipo de contato com o pessoal de Guariba? Quer dizer: *“O padre Bragheto vem reunindo os trabalhadores, vai fazer um ano, em Guariba”*. Eu fiquei louco! Eu fiquei possesso quando vi aquilo! Aí, fui imediatamente para lá. Eu peguei o primeiro ônibus e fui para Guariba. Eu cheguei lá e estava todo aquele clima! Aquela tensão, sabe? Encontrei o Chicote na rua, o pessoal indo para a delegacia, o Chicote mais o pessoal, o Benedito. Eu me juntei a eles e fomos para lá. Aí, eu fui para o Sindicato, para a delegacia sindical. Aí, tinha uma assembleia e eu fui para o campo de futebol, estava lotado de trabalhadores! O pessoal já estava, nessas alturas, na administração do Sindicato rural em Jaboticabal. E eu fui para o campo. O campo cheio.

**P: Lá no João de Barro<sup>18</sup>?**

R: Não! No campo de futebol! Nunca na praça. Aquela pracinha que tem ali. E eles só tinham dois funcionários do Sindicato de Jaboticabal, que não sabiam o que fazer e nem o que dizer para aquele povo que estava lá. *“Aí, padre, pelo amor de Deus, pega o microfone aí! Fala alguma coisa!”* [risos] E eu lá, chegando assustado com aquele clima. Eu fui obrigado a pegar o microfone. Aí, o Estadão deitou e rolou né? Eles gravaram tudo o que eu falei! E eu me empolguei, também, com o movimento! Imagina! [risos]. Soltei lá umas palavras de ordem e tal [risos]. Aí, no dia seguinte, pronto! A imprensa, o Estadão, quatro, cinco dias o meu nome na primeira página. Quatro, cinco dias! No fim da greve, eles deram assim: *“Padre queria que a greve continuasse!”* Endoidou! Então, eu fiquei muito arisco com a imprensa, porque a imprensa me queimou muito! A Veja chegou para mim e falou: *“Eu venho aqui com a incumbência de provar que a CPT está por baixo desse movimento”*. *“Você está muito enganado! Porque aqui não tem nem CPT”*. Aí eu fui falando para ele.

**P: E o Dom Luís<sup>19</sup>?**

R: Ah, o Dom Luís ficou na dele, ficou assim(...)

**P: Não procurou ajudar o pessoal?**

R: Nada, não estava nem aí! Ficou lá, eu de vez em quando ligava: *“Está havendo isso(...)”*. A minha atitude com ele sempre foi essa: *“A polícia está fazendo isso. A repressão está assim. E as negociações estão assado.”* Só para informá-lo, porque Bispo é assim, se você não informa, se eles ficam desinformados e acontece alguma coisa, aí que eles lavam as mãos mesmo. Então você tem que estar sempre informando, porque, se acontecer alguma coisa, eles tomam alguma posição. Que não é o caso do nosso. Na explosão ele não teve muita atuação. Nenhuma, eu acho!

**P: Padre, você poderia, assim, resumir o que você falou nessa primeira empolgação que deu tanta margem ao Estadão e aos demais? Porque, veja bem, o ano passado, fazendo uma entrevista numa Usina da região com um engenheiro de segurança, ele se manifestou com um verdadeiro ódio a você! Ele colocou o seguinte: que você foi o grande insuflador da greve de Guariba. Então, nas entradas, em todos os piquetes você estava presente, você não deixava os trabalhadores irem trabalhar(...). Então, eu gostaria que você falasse um pouco disso. Se realmente você estava nos**

<sup>17</sup> O informante mostra com um gesto, esticando os dois braços, o tamanho da matéria do jornal.

<sup>18</sup> Bairro da periferia do município de Guariba/SP, onde viviam, e ainda vivem, muitos dos trabalhadores do corte da cana.

<sup>19</sup> Bispo de Jaboticabal.

## **piquetes, se você incentivava esse pessoal a continuar em greve?**

R: Olha, é o seguinte, eu vou te falar realmente o que eu penso, o que é verdade. Agora, se há acusações nessa linha, sempre houve e sempre vai haver! Mas era um momento histórico determinado. A coisa estava assim, desencadeada com uma fúria muito grande. Nós não tínhamos nenhum controle e nem tínhamos pretensão de ter controle sobre os trabalhadores! Agora, realmente, eu achei que era um momento histórico importantíssimo. Em todo o trabalho que a gente tinha feito, de conscientização, de conquistar alguma coisa, de qualquer jeito, sabe? Os trabalhadores tinham escolhido os meios! Eles tinham botado fogo no canavial, eles tinham destruído não sei o quê. Eles encontraram o meio deles. Eu nunca, nós nunca discutimos violência, o uso da violência, jamais discutimos esses meios. Eles acharam que tinham que partir para isso e fizeram! Eu acho que até conquistaram alguma coisa por meio disso! Naquele momento histórico, por meio da violência. Embora, eu não seja a favor da violência desenfreada, mas eu acho que há momentos históricos que ela se faz valer! Como uma escolha, uma escolha soberana dos trabalhadores. No momento eu não vou questionar. Não tenho consciência nenhuma de ter incentivado a violência no meu discurso. Naquela assembleia eu procurei fazer o quê? Repetir quais eram as reivindicações dos trabalhadores! *“Bom, então, o que nós estamos querendo aqui?”* O pessoal falava: *“É isso!”* Então, eu repetia no microfone: *“Melhores condições de transporte(...)!”* *“É, melhores condições de transporte!”* *“Então, tá! O que mais?”* *“Melhores salários!”* *“Melhores salários! Então, quem quer melhores salários levanta a mão!”* E a turma levantava a mão! *“Então, a greve continua, ou não continua?”* A turma: *“Continua!”* Então, eu falei: *“Vamos falar, então, todo mundo junto: A greve continua!”* Eu soltei palavras de ordem. Agora, eu sentia que aquilo era uma coisa que vinha de baixo para mim. Eu sentia toda uma energia, se eu posso dizer assim. Eu não me julgo um agitador. Eu, naquele momento, eu me senti como um canal, um tipo de um eco daquilo que eles estavam querendo. E daí a greve continuou, mesmo nas reivindicações. Agora, é claro que a gente é tomado, em um momento assim, também, pela emoção! Você vê um campo lotado de boia-fria! Coisa que nunca tinha acontecido! Que você sempre sonhava com aquilo! Eu sempre sonhava com uma movimentação de massa, de boia-fria, reivindicando os direitos! E a gente nunca deslumbrava quando poderia acontecer. De repente, acontece! Você está ali, na frente do pessoal. É claro que o aspecto emocional também toma conta da gente! Então, eu me inflamei mesmo no discurso! O meu sangue um pouco Italiano também. Não deixei de falar um pouco duro contra aqueles que estavam explorando o pessoal! Falei mesmo! *“Vocês tem que botar esses patrões nas mãos nossas. Nas mãos de vocês. E vocês é que estão conquistando. E já estão negociando, já estão em Jaboticabal. É isso mesmo, vocês vão conseguir”.* Eu incentivei mesmo o movimento! Porque eu acho que tinha aquele momento histórico! E eu tinha que aproveitar a oportunidade da classe conquistar algumas coisas! Eu achei que poderia ajudar nesse sentido. E foi isso que eu fiz! Agora, nos piquetes, eu participei mesmo, não nego que eu participei. Eu ia aos piquetes. Porque o pessoal estava desorganizado. Queiramos ou não queiramos, era um movimento desorganizado! Eu acho que a gente tinha esse dever, esse papel de estar junto, um papel de apoio, de assessoria. Então, havia uma necessidade de uma assessoria direta! Não era uma assessoria de gabinete. Porque ficava dentro de Sindicato, dando conselhinhos para cá, dando conselhinhos para lá. Eu achava que devia ir em frente da luta mesmo, junto com eles, na frente! Eu ia num piquete, eu ia no outro, levava gente para um piquete. Sempre fiz isso! E nas outras greves subsequentes também! Eu estava de carro, e eles não tinham carro, então eu levava gente de um piquete para o outro. Um que estava mais forte, um fortalecia o outro. Eu levava lanche, ajudava a carregar lanche. Fiz mesmo esse papel, eu não me arrependo! E se eu estivesse naquela situação eu faria tudo de novo! É que eu fui

muito mal compreendido. Não vou falar, não vou dizer que eu acertei em tudo. Eu posso ter falhado, eu posso ter me exaltado um pouco. Eu acho que isso é normal em uma pessoa humana! Mas eu achei que era aquele o momento histórico. Tinha que ter uma atuação daquela! Fiz! Fui um pouco mal compreendido, inclusive, dentro da própria CPT, posteriormente. Porque quando você está no calor de uma batalha é diferente de você estar longe e analisar! Tem muita diferença! Você está lá, *in loco*, no lugar, sabe? Na situação das pessoas! Vendo a aflição, vendo esse povo. É muito diferente, quando você está lá e quando você está aqui em São Paulo, mirando (...)

**P: Vendo o jornal(...).**

R: “*Ah, está acontecendo tal coisa*”, lendo no jornal. É muito diferente! Eu acho que fui muito mal compreendido, inclusive pelos próprios camponeses. E depois, de certa forma, até houve uma marginalização sobre a minha pessoa, porque eu tive essa atuação.

**P: Você recebeu pressões por parte dos usineiros, ameaças?**

R: Isso veio posteriormente. Na greve de Guariba eu não recebi nenhum tipo de ameaça, nenhuma pressão. Só da imprensa! Realmente a imprensa acabou comigo, me deu imagem péssima. Teve uma foto minha na reportagem, dizendo que eu estava insuflando, esse negócio que a imprensa burguesa faz, O Estadão. A Folha foi mais comedida, deu uma coisa assim bem, bem simples. Agora, nas greves subsequentes, que eu também participei, tive a mesma atuação, porque achava que o momento histórico ainda merecia, principalmente a greve de oitenta e cinco [1985], em janeiro de oitenta e cinco [1985], foi uma reprimida. Vocês lembram disso? Os soldados eram muito fortes! A greve foi assim, uma coisa que eu jamais vi, assim, eu nunca tinha participado. Inclusive, fui surrado duas vezes, numa mesma manhã! Pela PM! Tropa de choque! Essa greve, eu acho que até merece a gente comentar, porque foi uma greve(...)

**P: E depois disso você continua na região [de Dobrada]?**

R: Continuo na região até oitenta e seis [1986]. Até agosto de oitenta e seis eu estou na região. Eu fui no meio do ano para Barrinha. Aliás, foi uma conquista eu ir para Barrinha, porque o clero não queria me deixar ir para Barrinha. E eu estava sem paróquia e eu estava achando que eu estava muito sem a base, eu estava muito mal só viajando. Eu falei: “*Eu preciso ter uma base!*” E Barrinha, tinha morrido o padre de lá. Eu falei: “*Puxa, Barrinha seria ótimo, porque lá tem boia-fria, uma cidade estratégica!*” Eu comecei a raciocinar assim, aí eu comecei a fazer uma luta para conquistar Barrinha. Coisa que não acontece normalmente no clero. Vagou uma, o bispo não vê a hora que aparece um padre para botar lá. Comigo foi diferente por causa da minha condição. E discutiram no Conselho Presbiterial a minha situação. Então, veio o bispo e falou assim: “*Você pode ir para Barrinha, mas sob duas condições: primeiro você vai diminuir, vai moderar a sua atuação social. Isso é uma coisa que os padres estão pedindo. Segundo, você vai cobrar as espórtulas.*” Porque eu não cobrava espórtulas. Eu sempre fui contra, em princípio, a cobrança do sacramento. Porque eu acho que é uma venda, *you me dá, eu te dou*. Em Dobrada e Santa Ernestina eu nunca cobrei e nunca passei fome, muito pelo contrário, a geladeira estava sempre cheia. Eu tinha carro e tudo. Então, eu achava que nunca ia cobrar! Mas como eu queria ir para Barrinha eu tive que fazer uma concessão com muito sacrifício, eu tive que ceder esse princípio das espórtulas. E para mim foi muito duro. Para mim principalmente foi uma violência muito grande. Mas, eu falei: “*Tudo bem, eu vou moderar, eu vou ser mais comportado.*” Eu não ia falar que não também, né? [riso]

**P: Mas na greve de oitenta e cinco [1985] você não estava ainda em Barrinha?**

R: E, a história dessa greve fora de hora, ninguém esperava também. Eu acho que ela veio um pouco no bojo, foi espontânea! Ela veio um pouco no rastro de Guariba. O pessoal entusiasmado com as vitórias

todas, aquela diária mixa. Então, a reivindicação em cima da diária, de aumento da diária, de empregos, o pessoal desempregado, aquela história e tal, e tal (...). Aí, pipoca, começa a pipocar! Antes foi só Guariba. A televisão também teve um papel, a Globo. Porque deu na televisão. Eu acho que a Globo influenciou a estourar também.

**P: O tiro saiu pela culatra!**

R: Por isso que eles mesmos pararam. Agora, tem um negócio muito selvagem, muito selvagem, porque a gente não conseguia nem fazer direito as assembleias, porque abaixou toda a tropa!

**P: E era a polícia do Montoro<sup>20</sup>?**

R: É, era polícia do Montoro que abaixou de uma forma assim violenta em Guariba! Porque Guariba tinha tido aquela fama. Guariba ficou cercada, ficou tomada por PMs! E aquela tensão, aqueles PMs na rua. E a gente negociando com o comando da tropa: *“Olha, é melhor vocês tirarem essas tropas daí, porque está irritando o pessoal!”* Mas eles não queriam saber! Tinha um tal de capitão Pink, esse foi famoso! Ele que era de Araraquara inclusive. O nome inteiro eu não sei, Milton Pink!

**P: O regimento veio de Ribeirão?**

R: É. Mas Guariba pertencia a Araraquara. Mas certamente tinha tropa de outros lugares. Mas era comando de Araraquara, desse capitão Pink de Araraquara, que era um verdadeiro, para mim, era um demônio! Porque ele era um verdadeiro lobo em pele de cordeiro, sabe? Ele sabe falar muito bem, batia nas costinhas, mas depois ele mandava descer o cacete! Era filho da(...). Quando eu me lembro desse cara eu fico possesso! O pessoal não conhece direito helicóptero. Então, quando nós estávamos em assembleia, os helicópteros passavam com voo rasante, *pá, pá, pá, pá(...)*. Tinham uns eucaliptos assim, espalhava galhos para todo o lado, poeira. Então, a gente não conseguia nem conversar direito com os trabalhadores, porque não tinha condições.

**P: Além de helicóptero o que mais tinha? Tinham cachorros?**

R: Não, cachorros eles não usaram dessa vez.

**P: Cavalaria?**

R: Cavalaria, tinha brucutus mesmo! Tinha carros, caminhão passava sempre. Era um verdadeiro clima de guerra mesmo! Naquela manhã da repressão violenta eu tinha ido para o piquete. Eu levantava cedinho. Eu dormia pouquíssimo, diga-se de passagem. Eu comia pouquíssimo. Porque cedinho eu já tinha que ir para o piquete. E aquele trabalho de ajudar na infraestrutura. E, cedo, a gente estava lá no João de Barro. Porque o forte de repressão foi no João de Barro mesmo, em Guariba. Eles chegaram e começou a haver um tipo de um tiroteio. Não de arma de fogo, eles jogaram bombas de gás lacrimogêneo, soltavam em cima do campo. Soltavam em cima ali. Um monte de boias-frias! E os guardas pegavam em baixo! Aí, eles jogavam bombas, através de um tipo de uma bazuca que eles têm. Eu não sei como é que chama aquilo. E o pessoal jogava fogos de artifício neles. [risos] Então, virou aquele tiroteio! E aí, pronto! Aí gente foi negociar com ele, porque a polícia tinha que sair dali. Porque quanto mais ficasse ali era pior. Mas olha, sem mais nem menos eles avançaram. Aí, me pegaram para valer mesmo, me deram uma tremenda surra de bordoadas e cacete: *pá, pá, pá, pá* [som da pancadas]. Deu nas costas, na mão, na cabeça! E não teve jeito! Aí, eu fiquei sentado ali no chão. Quando os soldados iam voltando - porque eles invadiram o bairro - quando eles vinham voltando, vieram dois para o meu lado. Eu não me esqueço esse detalhe porque me deixou furioso. Um falou para o outro: *“Olha, a ordem é para voltar! É para se recolher!”* Aí, o soldado veio para o meu lado e falou: *“Mas esse aqui é por minha conta!”*, e me deu uma cacetada aqui na

---

<sup>20</sup> André Franco Montoro, governador do Estado de São Paulo de 1983 até 1987.

perna que ficou roxo! Eu não podia reagir, porque se eu reagisse era pior. Aí, eu fiquei tão furioso, que eu fui lá na delegacia de Guariba. Aí, eu tive uma discussão lá, com esse capitão Pink. Eu falei: *“Puxa, a gente está querendo contornar a situação, a gente está querendo dar uma força”*. Mas eles não encaram a gente assim, eles encaram como inimigos! *“O pessoal está desmoralizado, eu estou querendo dialogar com eles, para controlar um pouco, para não ter violência. Mas vocês atacam, vocês agredem, com a presença de vocês. Com bombas e tudo. Vocês têm que se recolher.”* Tinha uma repórter presenciando a discussão, foi uma discussão muito áspera. E eu voltei de novo para o bairro, lá para o João de Barro. Imediatamente eu voltei para lá. Eu fui para o hospital, eles fizeram exame lá de corpo delito e tal. Não sei se fizeram B.O. Sei lá eu, eu não entendo nada dessas coisas. Porque depois houve o inquérito, me chamaram em Ribeirão Preto. Aí eu contei tudo, eu narrei tudo! Disseram que iam fazer comissão. Que nada! Foi encenação, tudo pago, né!? A repressão acabou por um momento. Eu fui para o Sindicato, pela segunda vez. Fiquei no Sindicato, aí eu desmontei. Sentei naquelas macas que eles fazem consulta, eu não tinha mais ânimo para nada. Nem fisicamente mais! Estava todo marcado, todo roxo! Aí, tinha uma menina que era da APOIO da LIBELU<sup>21</sup>. Naquela época a LIBELU chegou lá: *“Ah, estão invadindo o João de Barro!”* Foi quando saiu até na Globo aquela vez, lembra? *“Ah, estão invadindo o João de Barro! Coisa está feia!”* Eu falei: *“Gente, eu não vou para lá! Porque se eu for para lá eles me matam dessa vez!”* Porque eles já estavam me marcando, sabe? Os policiais me conheciam! Os soldados me conheciam. Eles falaram, assim para mim, quando passavam perto: *“É padre, é assim que você está pregando o evangelho para os seus pobres?”* Me xingaram. *“Seu corno, não sei o que”*. Gozado que eles usavam muito essa palavra corno, mas eu nem casado sou! [risos]. Então, eles não podiam me xingar disso [risos]! Mas eles tinham ódio de mim! Se eu fosse lá a terceira vez eles me matavam. *“Uma bala perdida”*. Então, eu falei: *“Eu não vou, porque senão eu vou irritar mais eles ainda”*. E fiquei lá, sabe? Aí, houve todo aquele estardalhaço da imprensa, mas o Montoro ficou na promessa. Inclusive, uma vez, nós tivemos uma audiência com ele, eu cobreí, lá no Palácio dos Bandeirantes, com a imprensa presente e tudo, mas ele saiu pela tangente: *“É, se houve excesso vai ser apurado”*. Mas nunca foram apurados os excessos! No Estado, nunca foram! Depois, houve outras greves, que eu participei, na região, ligada mais ao pessoal da laranja. Em dezembro de oitenta e cinco [1985] eu participei de outra greve, mas em Bebedouro! Quando eu fui detido por uma noite, também, num piquete. Eu sempre estava nos piquetes.

**P: Agora, nessas duas greves de Guariba, qual o grau de participação das mulheres? É possível diferenciar de alguma forma?**

R: Não deu muito para destacar não!

**P: Nos piquetes havia?**

R: Havia mulheres, mas a presença majoritária era de homens. Mas também havia mulheres ali, havia crianças, entendeu? As crianças participavam muito! Quer dizer, eles funcionavam como espiões para a gente. Eles ficavam perto dos carros de rádio patrulha e ouviam o rádio. As crianças ouviam no rádio e depois vinham contar para a gente: *“Olha, no rádio eles estão falando assim, assim, assado”*. Então, contavam as coisas, funcionavam como espiõezinhos, eles participavam dos piquetes também. Vários deles usaram de violência também, o pessoal quebrou ônibus, chegou a jogar pedra. Mas isso tudo era uma resposta a uma violência maior que estava sendo feita em cima deles!

**P: Por que, a violência contra a mulher, ela é específica, quando mulher ela é tratada como vagabunda, ela tem alguns termos bem pejorativos!**

---

<sup>21</sup> Liberdade e Luta, tendência do movimento estudantil, de orientação trotskista, que atuou na década de 1970.

R: Olha, eu não presenciei, assim, pessoalmente, eu não vi, nada nesse sentido. Por parte da repressão você fala? Não! Eu não vi! Eu não vi! Mas eu acredito que haja isso!

**P: Agora, mesmo em relação aos maridos, assim, aos próprios companheiros, eles, de uma certa forma, eles, não deixam as mulheres participar de piquetes, justamente porque falam(...).**

R: É, eles segurem um pouco! Mas agora, eu já vi casos de marido e mulher, viu? No piquete, e apanhar os dois, e ainda querendo continuar depois! Eu vi casos assim em Pitangueiras quando teve uma greve lá. Houve uma repressão, também, um estado de sítio na cidade, onde o pessoal era preso dentro do próprio bar. E apanharam e tal, marido e mulher, e queriam continuar aquilo. Esse fato me revoltou muito em termos de Igreja. Essa greve que houve naquela região, em Pitangueiras, porque a cidade estava totalmente sitiada! E houve nesse dia uma reunião do clero daquela região em Pitangueiras. Eu cheguei na casa paroquial, eu fui para a reunião, eu nem participei da reunião. Eu não tinha condições por causa do regimento. Eu perguntei: *“Escuta, vocês tomaram alguma posição? Dessa situação grave que está aí?”* O padre virou para mim, falou assim: *“Olha, tinha tanto assunto na pauta que não deu nem para a gente discutir!”* Ah, mas aquilo ali me deixou possesso, eu falei: *“Padre, uma coisa mais importante está acontecendo aqui. Vocês vão me discutir tudo, menos(...).”* Então, para mim foi confirmada cada vez mais a alienação dos padres da Diocese! Aí, eu fui para a Guariba, aliás, para Barrinha. Em agosto de oitenta e cinco [1985] eu conquistei Barrinha. Eu chamo isso de conquista. Uma situação muito favorável, para mim, em termos sociais e religiosos, porque o povo estava muito afastado da Igreja. Era um padre velho e botaram um nem tanto quanto ele. Lá só tinha mais participação de boias-frias, por incrível que pareça. Era uma Igreja mais de boias-frias. A classe comerciante, isso tudo, não ia à Igreja. Os imigrantes, assim, os sírios, os italianos, quase que não participavam. Daí, eu levei mais gente ainda para a Igreja. Mais boia-fria para a Igreja. E os ministros eram boias-frias. Era uma situação inversa de Dobrada, em termos religiosos de Igreja. Aí, começou, o Sindicato peleguíssimo (sic). E a gente começou a reunir os boias-frias. Eu comecei a fazer missas na periferia, coisa que não tinha. E juntava os boias-frias no centro comunitário da prefeitura e lá a gente começou a ter reuniões, discutir problemas e tal. A mesma proposta de discutir os problemas, reunir um grupo de boias-frias. Aí já passou o inverso, o pessoal já tinha mais consciência das situações, já tinha mais conscientização. Já tinha participado em algumas lideranças de greve. E, então, começou a surgir a ideia de oposição ao Sindicato. O Sindicato era muito ruim, não apoiava a greve, mandava até chamar a polícia. Ele chamava a polícia para mandar prender o trabalhador. Só que eu fui muito duro com eles. Alguns trabalhadores formaram chapa de oposição e na primeira reunião eu disse o seguinte: *“Olha, a coisa aqui é sigilosa. Ultra sigilosa! Quem é casado aqui não conta nem para a mulher, nem para o marido, porque eu acho que é muito tático. Porque se lá do Sindicato [alguém] souber que vão montar uma chapa de oposição vocês vão para o olho da rua amanhã e vão ficar sem emprego! Porque eu vejo nuvens negras. Sabe, já está havendo muita perseguição”.* E é importante que o pessoal arrisca. Foi uma surpresa geral quando a chapa chegou no Sindicato com toda a documentação pronta! Aí, a turma da FETAESP ajudou a montar a chapa e levaram a papelada, eu viajei. A coisa vai ter que ir devagar, senão, vai sair meu nome, né? Fui para Araraquara, e quando voltei a chapa já estava registrada. Para a surpresa do pelegão (sic) que jamais esperava que estava sendo montada um chapa! Desde de que se registra a chapa, ninguém mais pode ser mandado embora. *“Ô gente, agora nós temos que ganhar. Porque se perder(...). Aí, pronto! Aí, a possibilidade de emprego para vocês vai ser dura também. Tem que garantir também, não só a vitória do Sindicato por tudo que vocês acreditam, mas também pelo próprio emprego de vocês!”* Aí, o pessoal se desdobrou, sabe? Ia na briga para a cana. Eu

ajudei bastante também, diretamente. No dia da votação ia com o meu carro para lá e para cá. Enfim, além da prefeitura, o pessoal da prefeitura também deu apoio. Então, a gente conquistou. Eles conquistaram a posição do Sindicato e estão continuando. Tem boas lideranças. Aí, eu comecei a receber muitas ameaças! Uma noite, o telefone tocou a meia noite, eu fui atender. Uma voz muito cavernosa de homem falou assim: *“Quem está falando?”* Eu falei: *“É o padre Braghetto.”* *“Seu comunista, subversivo!”* Uma voz muito ameaçadora, sabe? *“Você fugiu de Guariba, mas nós vamos te pegar ainda!”* *“Quem está falando?”* *“Não te interessa.”* Aí, eu falei: *“Ô seu covarde, por que não se identifica?”* *“Não te interessa!”* Aí, eu botei o telefone no gancho! E para dormir? Não dava sono! Virava para cá, virava para lá [riso]. Agora, para dormir não ia ser fácil, mas seja o que Deus quiser. Aí, começou, o pessoal jogava bomba junina na varanda da casa paroquial. No mínimo para intimidar, soltaram foguetes, me quebraram o relógio da Igreja, entendeu? Recebi ameaça pessoal de morte. Esse povo daí do Sindicato que perdeu me ameaçou também na rua! *“É, você vai ver!”*

**P. Você poderia falar um pouco sobre a bênção dos facões?**

Bem, mas o trabalho com os migrantes era bem mais isso, bate-papo, celebrações... Um dia eu levei o bispo lá no meio da roça. Foi lá com a mineirada.

**P: E nesse momento já existia o serviço da Pastoral dos Migrantes?**

R: Não, não! Estava começando! Não tinha ainda. Eu fazia a bênção do facão. Essa era interessante. Eles levavam o facão. Até tenho aqui uma foto que é muito bonita. Eu pedia para eles levarem, todo mundo levantou o facão para o alto assim, ficou uma imagem muito bonita! De quinhentos homens levantando o facão assim. Eu tentei fazer em Barrinha e não deu certo. porque eu falei: *“Vocês podem, inclusive, à noite, vocês vem com aquela roupa de trabalho de vocês, traz o facão de vocês.* Não, não era uma invenção! Era valorizar a figura do trabalhador. Era uma boa intenção! Valorizar! Então, que viesse mesmo com a sua roupa típica de trabalho e com seu instrumental de trabalho! Eles, além de não irem com a roupa deles, a roupa de trabalho. Porque eles jamais vão sair na cidade com a roupa do trabalho. Desde que for limpa! E não levaram as ferramentas também! Aí, foi um fracasso. Um ou outro que levou e assim mesmo embrulhado em um jornal. E facão novo! O que eu fiquei danado. Eu queria o facão que eles estavam usando. Eles me levaram um facão novinho. Isso a gente não entendeu direito. Depois, que eu fui reavaliar e falei: *“Foi bola fora, não é?”*

**P: E em relação às situações de tensões vividas por você, fale sobre o episódio do dia das mães.**

R: Aquilo foi dose! [riso]. Eu fiquei puto da vida com a PM. É, talvez, até um pouco de preconceito, porque também não tinha motivos para aquilo. Depois de toda essa repressão, era Dia das Mães! Eu tinha missa às oito horas da manhã, e eu vi umas pessoas com botões de flor na mão. Eu falei: *“Mas quem que está dando esses botões de flor para vocês?”* E tinham uns *cartazinhos* em cada botão, [dizendo] que era doação dos comerciantes da cidade. Os caras doavam as flores e a polícia distribuía! Eu falei: *“Qual é a doação?”*. *“É um soldado que está dando na porta!”* Eu falei: *“O quê? Um soldado está dando flor na porta da Igreja?”*. Naquela hora o sangue já me subiu, eu falei: *“Vou ver esse negócio!”* Eu cheguei lá na Igreja, realmente, tinha uma kombi com dois soldados distribuindo, para quem entrasse eles davam uma rosa, eu falei: *“Escuta, vocês podem distribuir flores! Tudo bem. Eu não sou contra, mas eu queria que vocês se retirassem da frente da Igreja, aqui é propriedade da Igreja, a praça é da Igreja. E vocês distribuam as flores lá na rua! Por favor!”*. Isso estava quase na hora da missa das nove [horas da manhã]. E o soldado falou: *“O sargento falou para eu ficar aqui!”* Eu disse: *“Então você diz para o sargento que eu não quero que vocês fiquem aqui!”* *“Ah, mas ele não está aqui!”* *“Então, vá procurar!”* E eu já estava furioso.

Procurando para não agredir o soldado. Aí, foram buscar o tal sargento e o sargento não chegava! E eu, na hora de começar a missa, eu tive que entrar, eu não ia ficar esperando! Aí, eu entrei. Eles continuaram ficando lá! Então, eu entrei furioso, pisando alto, pensando: *“Vocês batem nas mãos dos boias-frias! Uma mãe barriguda e depois vem e dá flores? Na porta da Igreja?”* E no meio da missa entrou o tal sargento, fardado, e ficou lá no fundo da Igreja. Eu pensei comigo: *“Você veio aqui para escutar, você vai escutar! Você vai escutar! Você entrou aqui para escutar!”* Aí, chegou no final, no sermão, eu acho que foi uma missa super tensa para mim, porque o cara ficou o tempo todo lá nos fundos fardado. E eu vendo aquele cara ali, foi uma missa super tensa para mim. Porque eu tremia até de nervoso! Mas eu não aguentei! Eu fiquei em dúvida se falava ou não falava. Se eu denunciava ou não denunciava. *“Mas eu tenho que denunciar! A minha missão é denunciar!”* Aí, chegou na hora dos avisos, no final da missa, eu larguei a brasa! Aí, falei: *“Olha, está acontecendo aqui uma coisa muito, muito, muito(...).”* Eu não sei o termo que eu usei. *“Mas muito chata, muito ruim! É uma farsa que está acontecendo aqui! Está acontecendo o seguinte: na porta da Igreja, a PM está distribuindo flores e amanhã eles descem o cacete nas mãos dos boias-frias. Isso para mim é uma falsidade”.* Aí, larguei o [inaudível] em cima da PM. Falei o bicho e o cara ficou lá. Acho que deve ter feito um relatório. E eu falei: *“Se o senhor está aí atrás escutando, faça um bom relatório, viu?”* Falei assim! Eu atentava. *“Ah, que filho da mãe”* [risos]. Atentava sim! Porque eu não aguentava mais. Então, foi até uma provocação assim da minha parte, sabe? *“Escuta direitinho, tudo que eu estou falando, faça um bom relatório e mande para lá, porque eu acho isso um absurdo. Essas vozes aí, derramam sangue nas mãos, nas mãos de outras pessoas”.* Eu usava termos fortes, sabe? Usava mesmo! Eu não tinha medo! Eu nunca tive medo mesmo! O único dia que eu fiquei com um pouco de medo foi na usina Tamoio. A finada usina Tamoio. Aquela vez eu fiquei assustado e eu vou contar.

**P: Eu vou retomar um pouquinho, onde o senhor estava por essa época?**

R: Eu estava em Dobrada!

**P: Você ia lá [na usina Tamoio]?**

R: Não, eu nunca fui nessa usina Tamoio. Eu vou te contar. O episódio da Usina Tamoio foi o seguinte, eu sabia que estava tendo problema na Tamoio, mas nunca me interessei em saber os pontos que(...).

**P: Só para situar, oitenta e três [1983]?**

R: Oitenta e dois [1982]. Então, foi o seguinte, eu nunca me interessei pela questão porque estava fora da minha jurisdição. Era Araraquara. E eu já tinha problemas de sobra. [risos]. E eu nem conhecia ninguém em Araraquara, era outra diocese inclusive. Mas eu sabia que tinham problemas lá. A usina estava parada, os trabalhadores reivindicando. Agora, quando houve a ocupação, daquele pessoal, eu fiquei sabendo por telefone. Quem me ligou eu não me lembro! Tinha havido uma ocupação lá, e que o pessoal precisava de apoio. Isso, o pessoal tinha ligado num sábado de manhã, bem cedo. O pessoal tinha ocupado da sexta para o sábado. Não lembro a data. *“Bom, isso deve ser um grupo de Sem Terras. Deve ser um pessoal pobre”.* Aí, eu falei: *“Ah, os pobres, estão precisando de alguma coisa. Então, vamos ver o que está acontecendo!”* [risos]. Foi bem assim, sabe? Eu nem sabia que era um grupo organizado. Eu nem sabia quem era, quem tinha organizado, nada. Eu sabia que era um pessoal pobre e que tinha ocupado uma área da usina Tamoio, e que precisava da ajuda de alguém. E que tinham me ligado lá pedindo essa ajuda! Eu peguei o meu carrinho muito tranquilo e me mandei para lá num sábado de manhã. Que eu chego lá, eu já tinha estado uma vez na usina Tamoio, então, por isso que eu sabia qual o caminho. Então, em oitenta e seis [1986], foi aquela ocupação mesmo. Então, eu fui lá! Quando eu cheguei lá o segurança já me conhecia. O segurança me recebeu muito mal! Eu fui direto para a usina, eu sabendo onde estavam os

trabalhadores. O cara olhou para mim, um cara forte, quando eu desci do carro, ele já veio agredindo verbalmente: *“Você pode tirar aquele ônibus de lá, hein?”* [risos]. *“Tira seus homens de lá, porque senão vai sair na marra!”*. Falava bravo, desesperado. Eu falei: *“Calma, moço! Que ônibus? Não tem ônibus aqui não!”* *“Claro que tem! Foi você que mandou os caras vir aqui! Ocupar as terras aqui da usina!”* Eu falei: *“Calma, eu não estou sabendo de ninguém, eu só estou sabendo que eles estão(…)”*. Aí, eu comecei, eu maneirei com o cara e o cara maneirava também. Acho que ele percebeu que eu não estava tão envolvido. Eu cheguei, o grupo estava meio espantado. Não tinha ninguém apoiando. Eles estavam sozinhos! E já tinham recebido pressão, na mesma manhã, da usina. Na véspera, inclusive, foi o jornal de Araraquara lá, fez foto. A polícia tinha apreendido todo o material de trabalho deles. Tem até uma foto no jornal de Araraquara, não sei se vocês viram, os caras cavando terra, cavando o chão? Eu ainda tenho essa foto da época. Porque é muito interessante essa foto! Os caras cavando a terra com a mão! Cavando com a mão! Então, me receberam assustados. Eu falei: *“Olha gente, eu sou padre e vim aqui para saber se vocês estão precisando de apoio.”* Os caras no começo [estavam] desconfiados, mas depois eles(...). Então falei assim: *“Se vocês precisarem de apoio”. “Ah padre, então, por favor, vai conversar com os homens, porque eles estão bravos com a gente!”*. Então, eu peguei e voltei onde estava o segurança lá de novo. *“Ah, porque tem que sair, porque eu comuniquei com não sei quem, porque tem que sair até tal hora. Nós vamos lá tirar na marra!”* Então, eu fiquei sendo moleque de recado, indo para lá e vindo para cá. *“Não, pessoal, tem que sair mesmo! Deu prazo até tal hora!”* *“Ai, padre, fala que não dá! Nós temos que arrumar tudo, fala para eles dar mais tempo!”* Então, o pessoal queria ganhar tempo. Aí, eu voltava novamente e falava: *“Olha, o pessoal está pedindo mais tempo(…)”*. Aí, eu voltei! *“Qualquer coisa eu vou ficar junto com eles, vou ajudar eles em qualquer coisa.”* Aí, fui para lá e fiquei lá junto com eles. Quando a gente olha, vinha chegando várias caminhonetes da usina e caminhão pipa. Botaram esse segurança em cima do caminhão pipa com uma cartucheira na mão! Eu falei: *“Nossa, é agora!”* Eu nunca me senti tão perto da morte quanto naquele momento! Eu até me emocionei assim e rezei um pai nosso! *“Porque é agora que vai sair a bagaceira aqui! É agora, porque ele vai matar o pessoal aqui! O pessoal vai reagir, não sei se tem arma ou não tem. E eu não vou embora! Vou morrer junto aqui com eles. Eu não saio do lugar”*. E lá na frente eles pararam a uns cem metros do acampamento. Ou uns cinquenta metros de distância. Eu desci! Eu tinha uma foto na máquina, eu bati a foto meio de longe, mas os caras viram que eu tinha uma foto na máquina! E eles vieram ao meu encontro, sabe? A gente se encontrou no meio do caminho, entre o acampamento e os caminhões. A gente se encontrou no meio, no clima tenso. *“É, porque os caras têm que sair mesmo”. “É, eles vão sair, mas eles pedem para sair só à noite, porque eles tem arrumar a(…)”*. *“É, porque não pode ficar lá, porque não sei o quê. Aliás, o senhor tirou uma fotografia, não é?”* Falou um deles! Eu falei, eu fiquei meio assim: *“Não(…)”*. *“Onde é que está essa foto? Essa máquina?”*. Estava no meu bolso, era uma maquininha, daquelas bem fraquinhas. Cabia dentro do bolso. *“Está aqui!”*. *“Dá essa máquina aqui, nós vamos olhar!”* Eu falei: *“Não! Eu não vou dar! A máquina é minha e eu não vou dar!”*. *“Se você não der nós vamos pegar na marra!”*. *“Vocês é que sabem! Mas eu não vou dar!”*. Aí, não teve outra, vieram dois caras, me seguraram por trás e o outro me tomou na marra mesmo! Tirou do meu bolso. Aí, eles não conseguiram abrir, porque a máquina não abria! Porque o cara queria velar o filme! [risos]. *“Abre essa porcaria!”*. Eu falei: *“Não vou abrir, se quiser vocês abram! Que se dane com essa máquina aí!”*. Aí, o cara deu um tiro! No chão, assim! Esse que estava com a cartucheira, que era o segurança. Pegou a cartucheira e pá. O tiro pegou uns dois metros de distância do meu pé! Aí, ele falou: *“Olha, se você não abrir nós vamos arrebentar você, essa máquina e(…)”*. Desse jeito! Aí, eu fiquei com medo, eu pensei: *“A coisa agora, ficou realmente*

*séria.* "Eu peguei essa máquina, abri essa máquina. E eles viram a máquina. E eu dei a máquina para eles. Eu nunca mais vi essa máquina e nem o filme, mas eu já tinha outro filme no bolso. [risos]. Porque ninguém me revistou e eles não viram. Eu fiz um outro filme, tinha tirado umas duas chapas dessa situação. E aí, a gente entrou em negociação. Realmente consegui que o pessoal ficasse até à noite! Houve entendimento. E aí, chegou alguém, eu acho que chegou um vereador de Araraquara que era do PT. Chegou logo em seguida! Ele chegou lá e queria ver se arrumava mais alguém para(...). *"Ah, eu não sei de ninguém!"* Estava só eu e os caras, só! Sem ninguém para negociar nada. O PT veio com nada! Aí, passei como sendo chefe dos Sem Terra, sendo que eu nem conhecia o pessoal! À noite foi liberado para ocupar outra área. Aí eu fui com eles. Foi em Araras. O mesmo grupo foi para lá. Aí eu fiquei com eles, eu fiquei cinco dias no acampamento com eles em Araras. E aí, também foi um despejo, foi uma coisa que para mim ficou muito marcada na minha vida, porque foi uma coisa muito violenta. Eu nunca tinha visto uma coisa, eu chorava de derramar lágrima. Depois de cinco dias de ocupação, os caras já tinham feito uns barracos de barro. Era um grupo muito especial aquela gente. Era um grupo, assim, muito organizado, joia mesmo! Eu nunca tinha visto um grupo tão bacana! Eles rezavam juntos, tinha católico. Eles não faziam separação de religião nenhuma.

**P: De onde que surgiu?**

R: Era um grupo de Sumaré. Agora, eu fiquei mais danado com o pessoal que ajudou a preparar o grupo, que na hora "h" não estavam presentes. Abandonaram o pessoal e depois que eles vieram, depois que a vaca tinha ido para o brejo, depois que a coisa ficou preta é que eles apareceram. À noite! Aí já tinha passado. Mas foi interessante isso. Foi uma experiência muito bacana. Só que a polícia foi lá e fez o maior despejo depois de cinco dias. Derrubaram tudo no chão! Foi, assim, uma coisa muito(...). Não bateram neles, mas(...). Só a violência, prenderam todo o material. Aí o pessoal fez uma romaria de lá até a cidade. Chovendo! Eu larguei meu carro no lugar, no local. A polícia furou todos os pneus do meu carro. Porque eu falei: *"De carro eu não vou. Vou com o pessoal á pé, acompanhando até a cidade!"* Eram doze quilômetros! Chovendo, sabe? O pessoal carregando um cruzeiro enorme, que eles tinham feito de madeira. Um crucifixo enorme de madeira.

**P: Quantas pessoas eram?**

R: Aquele grupo? Olha, era um grupo pequeno! No máximo uns cinquenta!

**P: Homens, mulheres e crianças?**

R: Eram só uns homens. Depois eles iam levar as famílias, se desse certo. Eles eram todos famílias de Sumaré. Era um grupo muito paciente. Tanto assim, que eles conquistaram, depois, uma outra área. Continuaram organizados, e conquistaram uma área no próprio município de Sumaré mesmo, e estão assentados hoje. Eu não acompanhei, depois, o processo.

**P: É, então, você fala que fez a caminhada até a cidade.**

R: Fizemos a caminhada até a cidade.

**P: E depois?**

R: Depois eu fui junto. Eu fiquei. Inclusive, eu não tinha levado roupa, nem nada. O padre da cidade, que depois faleceu, comprou roupa para mim, me trouxe. E eu fui junto com eles! Porque eu fiquei morando junto com eles lá no acampamento. Dormindo no chão com eles lá. Passando até as dificuldades que eles estavam passando. Comendo com eles, entendeu? Porque eles mesmos cozinhavam. Ia descascar batatinha. Então, uma convivência muito legal. Foi uma experiência muito interessante. Também foi a única experiência que eu tive, assim, com os Sem Terra mesmo. Depois, outras ocupações a

gente não acompanhou muito.

**P: Diante de todas essas lutas, como ficou a sua relação com a CPT?**

R: Então, a situação foi ficando muito difícil. E foi a época, também, que mataram o padre Josimo<sup>22</sup>. Eu comecei a receber pressão da CPT nacional, da estadual também e amigos. Diz que eu tinha que sair de lá, sair da região. Eu não sei se eles exageraram um pouco. Que iam acabar me matando, que não sei o quê. O ex-prefeito de Barrinha estava muito no meu pé. Eu não me lembro o nome dele, ele foi um dos que me ameaçou de morte. Pessoalmente!

**P: Então, era o poder local, o próprio Sindicato e o usineiro?**

R: E o usineiro! Porque ele era muito ligado a usineiros. Eu recebi um usineiro na minha casa, da usina Balbo. Ali, indo de Barrinha para Sertãozinho. Mandou perguntar se eu o recebia. Eu falei: *“Lógico! Pode vir aqui, eu converso com todo mundo!”* E o cara foi lá. Tinha uma postura assim, muito liberal. Que a usina dá assistência, bem estar, tem isso, tem aquilo. Também saiu numa boa, sabe? Sem discussão, sem nada! Era um cara jovem, eu não me lembro o nome dele agora. E falou: *“Olha, podemos até conversar, só que você está de um lado e eu estou de outro. Isso aí tem que ficar muito claro. Isso aí, eu não abdicó dessa posição. São duas posições irreconciliáveis, praticamente!”* Mas foi tudo num papo amigável, não teve problema nenhum. E ele, eu soube mais tarde, que ele mandava espiões na Igreja para ouvir o meu discurso. Que no começo ele mandava, mas depois desistiu. Até porque ele viu que eu era comunista mesmo! Não tinha jeito! [risos]. Aí, o dia dessa pressão, desses amigos meus, mostraram a necessidade de um trabalho aqui em São Paulo, em nível de América Latina, em direitos humanos. Mostrando também a perspectiva de eu continuar na CPT como assessoria. Eu peguei e vim para cá. E continuei ainda na CPT, continuei mais um ano ainda. Exatamente em oitenta e sete [1987] eu senti, assim, que dentro da CPT já não me cabia mais, não tinha mais muito espaço na CPT. Eu já vim comissionado para o trabalho da CPT. Assim, eu já vim limitado na assessoria da CPT de algumas regiões onde eu era bem aceito, não tinha tanto problema. Então, eu achei, já vim um pouco humilhado na CPT. Ter fugido do trabalho. Mas eu aceitei porque, vendo a situação toda, eu vim para cá [São Paulo]. Depois, eu saí [da CPT]. Eu achei que ia criar atrito interno e eu achei que não devia criar. Porque essas entidades são tudo divididas, né? E não vai ser por mim que vai criar mais uma divisão aqui. Então, fiquem aí, continuem o seu trabalho que eu vou para outro canto. Depois entrei na GEN<sup>23</sup> e fui tocando o barco. Perdi contato, praticamente, com a CPT. Fiquei muito magoado com a CPT porque eu achei que não deviam fazer o que fizeram. Eles não me agrediram, não me fizeram nada, mas me cortaram o barato, cortaram os meus passos. Quando você não se sente mais dentro de uma organização, a sua obrigação, antes que seja demitido, é se demitir. Eu senti que eles acharam que eu extravasei a minha tarefa. Eu fui além daquilo que era para ser feito de uma assessoria. Eu comentei um dia, que de um modo geral, que não tinha uma assessoria, que ninguém toma a frente, sabe? Mas eu não sei se estou errado ou se estou certo. Mas eu acho que a história vai julgar. Naquele momento histórico de Guariba, eu tinha que estar junto. Eu não podia, eu não conseguia, nem que eu quisesse, ficar em casa, eu não conseguia ficar. Eu tinha que ficar na rua, eu tinha que estar com eles, apanhar com eles! Eu me alegrava com eles, sabe? Eu tenho um jeito assim que não dá para ficar de longe assistindo, de vez em quando dando umas orientações. Eu tenho que estar junto, é um feitio pessoal! Eu acho que o pessoal não entendeu, não aceitou. Eles acham que eu posso ter imaculado o nome da CPT.

<sup>22</sup> Padre Josimo Moraes Tavares foi assassinado em 10 maio de 1986, no Bico do Papagaio, Tocantins, a mando de fazendeiros. Era coordenador da Comissão Pastoral da Terra.

<sup>23</sup> GEN - Geração Nova do Movimento Focolare, um movimento laico, ecumênico, que tem como princípio a unidade e fraternidade universal.

Imaculado entre aspas, né? Não aceitaram. Então, eu acho que falaram: *“Você vem aqui para São Paulo e você fica aassistindo Assis, Limeira e onde não há tanto problema. Para outras regiões é melhor você não ir, porque vai criar problema”*. Então, eu aceitei porque tinha que ganhar um pouco para sobreviver, não é? Eles me pagavam o salário. Porque eu não tenho intenção nenhuma de criar polêmica. Não criei na hora e não vou criar agora. Para mim é muito triste. Porque eu que fui um dos fundadores desse negócio. Inclusive, eu quase dei a vida nisso daí. Porque um dia teve um acidente e eu quase morri em função da CPT estadual. E eu achei também que a CPT nacional pouco se empenhou no meu caso, eu achei que eles poderiam dar mais apoio. Ela [CPT nacional] não quer saber da CPT estadual. Mas também eles falam diferente. De modo que eu guardo um pouco essa mágoa. Mas eu não quero levar isso adiante, não! Ele solicitou a minha volta porque eles me pediram que eu escrevesse um pouco a minha experiência. Porque esse ano faz dez anos da CPT estadual. De setenta e nove [1979] a oitenta e nove [1989]. Ele está fazendo um livro de memórias. Sei lá eu! Eles pediram para eu escrever um pouco como é que foi a minha participação e tal. Eu me recusei a escrever! Eu não estou a fim de escrever e eu não vou escrever! Estão insistindo para eu escrever, mas eu não vou escrever! Mas eu acho que é sacanagem. O que fizeram para mim não tem nome! E não vou ajudar nesse ponto. Se precisar ajudar em outra coisa, eu ajudo. Não estou com vontade, não vou fazer! Eu tive oportunidade, inclusive, de escrever um livro sobre isso, porque a editora me pediu, e também nem fiz, foi por preguiça, sabe? Não tem nada a ver com a CPT. Foi falta de querer sentar mesmo e escrever. Mas isso aí, eu acho que a coisa está continuando. Eu perdi um pouco o contato dessa região.

**P: Eu só gostaria de agradecer muitíssimo, pela conversa(...). A sua disposição de nos receber e(...).**

R: Eu é que agradeço, porque deu para mim reviver bons momentos [risos]. E a gente quando conta, assim, todas essas histórias a gente revive também. A gente volta àquelas imagens do passado. E é muito bom, porque ajuda, também, a gente não esquecer as pessoas todas, é lógico que não esqueci. Mas é diferente quando a gente conta tudo, nos mínimos detalhes, tem muitos detalhes que ficaram para trás. Se fosse contar tudo aqui ia o dia inteiro. Mas eu acho que o essencial está por aqui, tudo que eu disse. Os detalhes eu acho que não interessa tanto. Talvez até foram esquecidos, mas eu agradeço a oportunidade, quando precisar da gente, se eu puder ajudar, conte comigo.

**(Final da entrevista.)**